

**Cultura**

# E se eu morrer?

Não me esqueço da agonia que se manifestava na véspera das minhas viagens de campo

Roberto DaMatta, O Estado de S.Paulo

25 de agosto de 2021 | 03h00

Tal como na psicanálise, na antropologia social ou cultural seus aprendizes são forçados a provar o seu próprio remédio (ou veneno). Em ambas as disciplinas, o aprendizado implica um ambíguo e arriscado trabalho que consiste no fato de o aprendiz viver com o investigado com o intuito de compreendê-lo: de sentir e pensar como ele.



Não me esqueço da agonia que se manifestava na véspera das minhas viagens de campo Foto: Pixabay

No caso da psicanálise, ocorre a submissão a uma prototípica análise didática na qual o futuro médico torna-se paciente; ou melhor: aceita-se como um doente, pois descobre e aprende que a doença (essa diferenciação extremada) ensina. Já nas antropologias, o observador é obrigado a sair do seu costumeiro e “civilizado” gabinete e sala de aula para morar com os selvagens — com os “índios” —, como se diz no Brasil.

O futuro psicanalista (cuja imago é aquela impactante fotografia de Freud feita por Max Halberstad) vira um decifrador de compulsões e manias; o aprendiz de antropólogo experimenta línguas e costumes

exóticos. Suas subjetividades viram laboratórios e eles entram em contato com a sua fragilidade e a sua ignorância, num processo árduo e arriscado, revelador das contradições e angústias sem as quais não se compreende o diferente. Como prêmio, eles aprendem o poder das diferenças lidas como alternativas e não como enfermidades ou primitivismos.

A prova do remédio antes de tomá-lo é mais comum do que pensamos e certamente ocorre em qualquer aprendizado, mas nestas duas profissões o trocar de lado talvez seja mais profundo e marcante. Que leitor não tome minhas palavras biblicamente, mas como uma ilustração.

\*

Não me esqueço da agonia que se manifestava na véspera das minhas viagens de campo. Sair de casa para depois de alguns dias ou semanas, deitar-se numa rede com a intenção de se entregar ao sono (esse avatar da morte) num lugar remoto, numa palhoça sem paredes e como um intruso, longe do conforto e do carinho dos familiares, era o que me fustigava. Será que eu seria capaz de cumprir a tarefa exigida pelo aprendizado?

Pesquisei o que havia sobre os “meus” nativos, mas na hora de conhecê-los em carne e osso surgia dentro de mim uma enorme insegurança. Um fato que eu – nascido e criado num sistema no qual o maior castigo é a ausência de ficar longe dos seus – jamais havia me dado conta. Como, pois, transformar castigo em aprendizado profissional?

Curiosa profissão essa que me obrigava a viver com selvagens sem roupa e hora certa para comer; para não mencionar a ausência de escrita e de registros de sua língua ou história. E passar ao largo do agressivo preconceito contra os nativos que tornava o projeto ainda mais anormal: como é que uma pessoa “fina” como o senhor – ouvi inúmeras vezes – vai viver com aqueles brutos?

Não se pode ser antropólogo sem ter feito um trabalho de campo e realizado essa cisão consciente entre sua vida e as vidas alheias que, sem censura ou julgamento, deveriam ser observadas e trazidas de volta para interrogar o nosso estabelecido modo de se viver...

\*

Um jovem aprendiz pensava em tudo isso na noite anterior de sua partida do Rio para Belo Horizonte e, dali, para Goiânia, a ponte para uma desconhecida Marabá; por sua vez, a base para seguir para uma Itupiranga de onde, depois de um dia e uma noite a pé, dentro de uma Amazônia até hoje possuída por grileiros, chegava-se, devidamente grilado, à aldeia do povo a ser estudado. O curioso é que ele jamais pensou nos riscos concretos de ser picado por uma cobra ou sofrer um acidente. Sua onipotência o contemplou com uma malária.

Em meio ao oceano de ansiedade, surgia o que levar – cadernos de campo, filmes, bife enlatado e pilhas para lanterna – e, ao lado disso, algumas questões graves e reais: levo facão ou revólver?

Vendo sua agonia, a mulher largou a limpeza e os filhinhos para acalmá-lo.

– Querido, tudo vai dar certo. Por que te atormentas tanto? As situações criam seus consolos. Você vai suportar esse teste e vai realizar um bom trabalho.

As palavras fazem coisas. Mas não há nada como o real para liquidar fantasias e terrores.

– Mas e se eu morrer, o que vai ser das crianças? Apelou o aprendiz como um último recurso, num soluço desesperado.

– Se você morrer não se preocupe. Elas são pequenas e vão te esquecer...

Ele seguiu, fez o trabalho, ficou mais velho do que esperava e hoje conta essa anedota como um alento para os tempos de ansiedade e morte que não merecemos viver.

\*

Tempos no quais um presidente destrambelhado rompe compulsivamente com rotinas institucionais e convoca incertezas. Esses avatares dos golpes.

É ANTROPÓLOGO SOCIAL E ESCRITOR, AUTOR DE ‘FILA E DEMOCRACIA’

Tudo o que sabemos sobre:

Roberto da Matta

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)



COLONISTA

Leandro Karnal

Conteúdo Exclusivo para Assinante

Cultura

# Nossa aldeia

Nesta vida pacata em que construímos nossas certezas, qualquer fuga do cotidiano traz impacto

Leandro Karnal, O Estado de S.Paulo  
25 de agosto de 2021 | 03h00

Mal havia começado a década de 1990 e eu terminava meu doutorado na USP. Publiquei a tese em forma de livro em 1998. Naquele texto, há um prólogo empedernido. Várias vezes, nas décadas que se seguiram à publicação, perguntei-me se eu deveria ter escrito aquele pequeno texto da forma que o fiz. Era um misto de arrogância da juventude com genuíno gosto por história. Das muitas coisas que poderia ter feito diferente no prólogo, uma delas eu manteria idêntica.

A lembrança da frase foi trazida por um amigo, em conversa recente. Ele se lembrou dela e me perguntou a quem eu me referia. Faz sentido, pois o preâmbulo do livro é carregado de referências implícitas, quase uma esfinge. Respondi que tinha ecos de Tolstoi, ainda que a lavra fosse minha: “é preciso sair da aldeia para contemplar o vale”. Eu justificava a amplitude do recorte cronológico do trabalho.

Volto à máxima e a reitero. Nossa aldeia é sempre sinônimo de conforto, bem-estar. Ainda que tenha muito trabalho, desafetos e problemas, tudo que se passa na aldeia em que vivemos é nosso. Nossas referências são aprendidas em nossas casas, com nossas famílias, em nossas igrejas aos finais de semana. Aprendemos qual restaurante frequentar e quais pratos pedir quando nos sentamos à mesa. Sabemos os melhores caminhos para os lugares de hábito, pegando atalhos e manejando o volante sem necessidade de GPS. Usamos roupas que vem do mesmo conjunto de lojas, tomamos café na mesma padaria de sempre e, como de hábito, folheamos livros da livraria da esquina. Pela lógica, o oposto é tão natural como abotoar uma camisa, qual caminho deve ser evitado, qual vizinho é detestável, qual rota deve ser escolhida.

Nesta vida pacata em que construímos nossas certezas, qualquer fuga do cotidiano traz impacto. As novidades chegam às aldeias, claro, e modificam por alguns dias a vida dos pacatos moradores. Mas, como vieram, ou se vão e tudo volta ao normal, ou são incorporadas, mais dia ou menos dia, ao costume dos aldeões.

A vida de nossa aldeia é, malgrado experiências com forasteiros, a mesma. A mesma paisagem se vê pelas mesmas janelas. Não há prédios altos que nos permitam ver além das ruas do próprio vilarejo.

Não há palavra melhor que descreva o que somos em nossas aldeias: idiossincráticos. Nossas peculiaridades não nos tornam abobados. Kant, um dos grandes filósofos do século XVIII, nunca saiu de sua aldeia: jamais saiu da Prússia e mal deixou sua cidade natal, Königsberg. Nasceu ali, estudou por ali, e tinha tantas idiossincrasias que seu passeio na praça no meio da tarde era tão pontual e regular, que, reza a lenda, ajustavam-se os relógios quando o viam: era 15h30, pontualmente. Kant viu longe sem (quase) nunca sair, fisicamente, da aldeia.

Há, contudo, os parvos que moram nas aldeias. Esses não só têm a idiossincrasia de todos os vilões, como emprestam o radical grego para algo mais chão: são idiotas. Os tais idiotas da aldeia que Umberto Eco imortalizou. Antes confinadas a seus preconceitos em bares pequenos, cercadas de pouca plateia que lhe davam respaldo, tais criaturas, hoje, têm uma aldeia global com a qual se comunicar. Qualquer opinião terraplanista que antes encontraria esparso acolhimento, agora gera engajamento em vídeos virais em redes sociais. O inepto saiu da aldeia e nunca viu vale algum, apenas aprofundou-se no abismo onde já vivia. Ou seja, pode-se sair da aldeia e continuar nela ao mesmo tempo. Quantos de nós conhecemos pessoas que viajam o globo e procuram comer no McDonald's onde quer que estejam?

Sair da aldeia é deixar nossas certezas, nossas particularidades, idiossincrasias e idiotias para trás em busca de novos sabores, algo que nos balance o íntimo, sacuda aquilo que tínhamos como inabalável. Por que Kant, sem (quase!) nunca ter saído de sua aldeia, pôde ver tantos vales?

O vale é um horizonte que só se compreende quando nosso ponto de vista se alterou radicalmente, quando a experiência nos transformou. Uma experiência nos modifica de várias formas porque são várias as formas de experiência. No caso concreto do meu doutorado, como comentei no domingo passado, foram muitos as capotagens que me transformaram. Muito, muito estudo, uma mudança de paisagem, a distância da família, novos amigos, novos hábitos, estágios na França e no México etc. O Leandro que escrevia aquele prólogo era jovem, no entanto já compreendera a máxima que criara. Nunca reneguei o aconchego do hábito, gosto dele. Jamais aceitei me acomodar novamente em uma aldeia. Uma vez sabendo da beleza do vale, visto lá de cima, não queremos deixar de contemplá-lo. Àquele vale e a outros tantos que nem sabíamos existir. Tornei-me um aldeão peregrino.

E você, caro leitor e estimada leitora, conhece apenas sua aldeia ou já se arriscou para fora dela, escalando montanhas para contemplar vales?

É HISTORIADOR, ESCRITOR, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, AUTOR DE ‘A CORAGEM DA ESPERANÇA’, ENTRE OUTROS

Tudo o que sabemos sobre:

Leandro Karnal

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)